



OS FIOS QUE ME ATRAVESSAM: “DE ONDE BROTAM OS FIOS...”

THE YARNS THAT RUN THROUGH ME: “FROM WHERE THE YARNS SPROUT...”

Dra. Luciana Benetti Marques Valio¹

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

RESUMO

Neste texto, apresento o processo de criação do livro de artista “de onde brotam os fios...” e a execução do projeto homônimo, selecionado pelo edital do Fundo de Investimento à Cultura de Campinas. “de onde brotam os fios...” é resultado do processo de criação de uma lenda sobre um ancião que se transforma em um casulo. A história enfatiza o contato com a natureza, os cuidados com as plantas e a relação do ser humano com os outros seres. Essa lenda despertou o desejo de intervir na natureza, buscando estabelecer uma relação poética com o reflorestar por meio da disseminação de sementes em casulos produzidos em técnicas têxteis. O projeto, por meio de eventos, possibilitou trocas sobre o fazer manual e as questões ambientais. Assim, a questão ambiental é tecida na crisálida que protege e prepara a muvuca de sementes para desbravar os solos degradados.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Têxtil. Arte e Natureza. Casulo semente. Livro de Artista. Reflorestamento.

ABSTRACT

In this paper I present the process of creating the artist's book “from where the yarns sprout...” and the execution of the homonymous project, selected by the Campinas Culture Investment Fund. “from where the yarns sprout...” is the result of the process of creating a legend about an old man who transforms into a cocoon. The story emphasizes contact with nature, caring for plants and the relationship between human beings and other beings. This legend awakened the desire to intervene in nature, seeking to establish a poetic relationship with reforestation through the dissemination of seeds in cocoons produced using textile techniques. The project, through events, enabled exchanges about manual making and environmental issues. Thus, the environmental issue is weave into the chrysalis that protects and prepares the seed's muvuca to recover degraded soils.

KEYWORDS

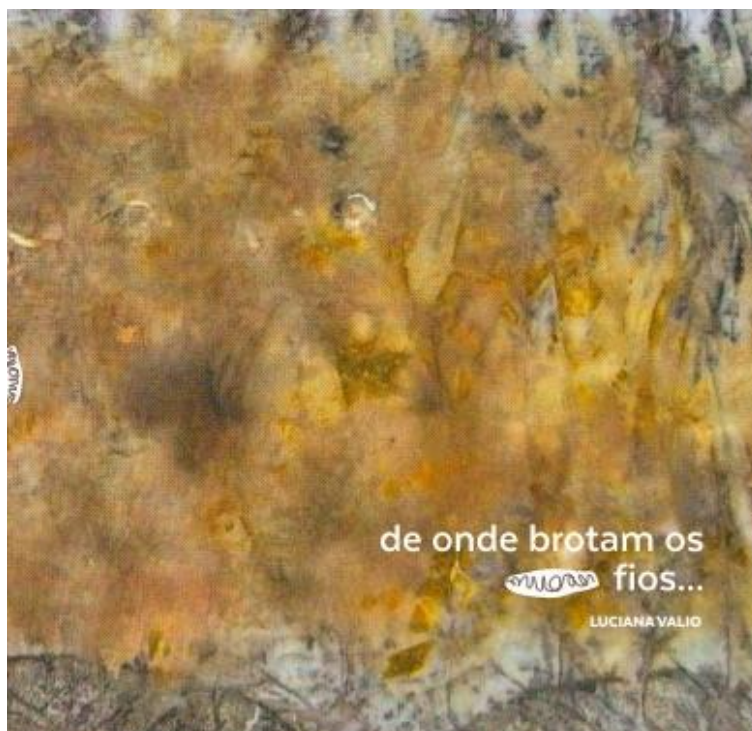
Textile Art. Art and Nature. Seed cocoon. Artist's Book. Reforestation.

Introdução

Os fios que me atravessam: “de onde brotam os fios...” é um relato da minha



experiência na elaboração do trabalho artístico “de onde brotam os fios...”. (Imagem 01). Procuro ao longo deste texto abordar questões que permearam meu fazer, trazer referenciais que estimularam minha ideias e inclusive me colocar enquanto



artista/ser humano em relação ao meu papel de atuação no mundo.

Imagem 01. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Créditos da Imagem: Fabiana Pacola.

“de onde brotam os fios...” é um trabalho artístico que se desdobrou em projeto para ganhar corpo e nascer para o mundo. Durante o desenvolvimento do projeto, criou autonomia e trilhou novos caminhos, ainda que esteja dando apenas os primeiros passos.

O projeto “de onde brotam os fios...” foi contemplado pelo edital do Fundo de Investimentos à Cultura de Campinas, Prefeitura Municipal de Campinas/SP. O projeto consistiu da publicação do livro de artista homônimo e de atividades para sua divulgação. Neste artigo, será apresentado o desenvolvimento do processo criativo do livro de artista e também a execução do projeto.



O livro foi concebido em 2021, durante a participação no Festival Internacional de Artes do Rio, na oficina de Tecnologia Ancestral, com a artista Aruma, Sandra Berduccy, e também durante as conversas e trocas nos encontros sobre a organização de portfólios com a artista Valéria Scornaienchi.

“de onde brotam os fios...” é resultado do processo de criação de uma lenda sobre um ancião que se transforma em um casulo. A história enfatiza o contato com a natureza, os cuidados com as plantas e a relação do ser humano com os outros seres. Essa lenda despertou o desejo de intervir na natureza, buscando estabelecer uma relação poética com o reflorestar por meio da disseminação de sementes.

Para tanto, o casulo, enquanto símbolo da metamorfose, inspirou a proposta de produzir casulos-sementes em alusão às “bombas de sementes”. Por serem os casulos-sementes receptáculos/úteros das sementes, eles foram confeccionados artesanalmente com fios naturais, de modo que seu processo de perecer estivesse em sincronia com a erupção da brotação das sementes.

“de onde brotam os fios...” tem o caráter de um experimento científico, que se utiliza da observação fenomenológica dos casulos-sementes postos no solo com o intuito de regenerar a biodiversidade local. Mas é também o desejo de transcendência em que as relações de vida e morte tornam-se metamorfoses.

Por fim, o livro de artista é produzido como uma lenda e como um manual. Os processos são detalhados para estimular a disseminação de sementes e a ação direta com a natureza, deixando aos casulos o potencial da transformação, da regeneração do solo e do reflorestamento.

O livro é constituído por três partes diferentes. Na primeira parte, a Lenda é contada, na segunda, as receitas explicam/demonstram como fazer casulos-sementes em tricô, feltragem e tear; e, na terceira, as sementes são apresentadas, os casulos são recheados e colocados na terra para a realização do experimento e por fim, o livro é finalizado com imagens do local onde os casulos seriam colocados para iniciar reflorestamento.



Parte 1: A lenda

A lenda conta que havia um ancião que conversava com as plantas pelo coração, assim elas ficavam cada vez mais verdes e vicejantes. Ele estabelecia um diálogo com os seres que permeavam a natureza². Deste modo, ele as compreendia de maneira profunda e verdadeira. Contudo, para aqueles que não entendiam o que o ancião fazia por onde passava, apenas avistavam um matagal ou uma natureza selvagem.

Um dia, porém, o ancião deita-se numa rede, e transforma-se num casulo. (Imagem 02). Depois torna-se uma borboleta. Sem o ancião, a natureza perdeu sua cor verde, e tudo ficou ocre. Diz a lenda que, a natureza somente voltará a ficar verde quando um casulo repleto de sementes for encontrado.

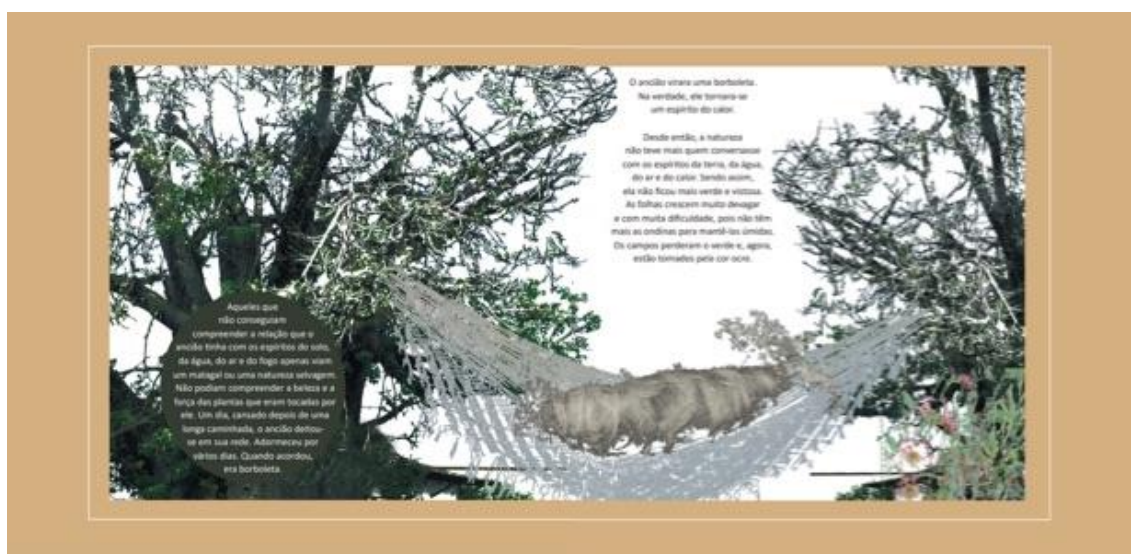


Imagem 02. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe da página] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola.

Ao mesmo tempo que o aspecto fantasioso da lenda, do ancião virar borboleta, permite uma imagem poética para a morte, também aborda a ideia da espiritualização da matéria. Quando o corpo cansado deita-se na rede, passa pela metamorfose para desprender-se do peso da matéria corpórea e ficar leve enquanto espírito, no caso, na imagem da borboleta.³

A lenda traz o conceito de morte sem diretamente dizer-lo. Mas ao remeter-se à



finitude da vida, aborda o luto, a perda e a falta. As plantas, sem o ancião, não vicejavam mais, tornaram-se ocre. Tinham uma relação de dependência, precisavam do ancião para que os seres elementares⁴ as ajudassem nos processos de brotação e crescimento. E quem contribuía para que esse processo fosse contínuo já não estava mais lá. Com isso, surgiu a falta, o vazio. Tudo ficou ocre.

Contudo, como parte do ciclo da vida, após a morte, no período de silêncio, existe a potência da vida. A lenda prevê uma cura para o luto. Ou seja, uma regeneração. É possível que as plantas voltem a ficar verdes. Para tanto, é preciso encontrar um casulo repleto de sementes prestes a germinar. (Imagem 03). Mas não basta achar o casulo com sementes, precisa saber falar com o coração.⁵



Imagem 03. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe da página] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola.

Nesse sentido, a lenda menciona aspectos metafísicos na relação entre ser humano e natureza, e também apresenta uma interdependência entre eles. No caso, a natureza depende do papel do ancião para ficar verde. Mas trata-se de uma dependência não-matérica, não-física, é uma conexão que passa pelo coração, pelo sentir, pelas relações supra-sensíveis - descritas como uma conversa com os seres elementares. Com isso, o luto torna-se um período de latência para que algo novo possa surgir.



Se de um lado, segundo a lenda, a natureza depende do ancião para ser vicejante, do outro lado, implicitamente, o ser humano depende da natureza verde para viver. Assim, os vínculos são mútuos ou até mesmo inseparáveis. Neste sentido, a ideia de separação do ser humano do conceito de natureza⁶ é questionada quando o ancião conecta-se de maneira profunda com o que está ao seu redor, sendo parte do ambiente onde está⁷. Ainda que, para aqueles que não conseguiam compreender o papel do ancião, a natureza parecia-lhes desordenada, uma mata selvagem, inóspita e sem intervenção humana.⁸

Diante de tal conexão, a morte não pode ser fim. A morte insere-se como parte do processo. Nos ciclos da vida, nos ciclos da natureza, onde há morte tem vida. Aquilo que não morre não gera vida. Por exemplo: a planta morta vira adubo na terra para outra vida, já o plástico, que não degrada, não gera vida. A morte é natural, é cíclica, revigorante. O que não morre, acumula, polui e destrói.

Assim, a lenda condensa questões fundamentais como: a finitude e a regeneração. A finitude no seu papel transcendental de libertar-se da matéria e também de transformar-se. A transformação como reintegração, pois o ser humano mesmo que durante a vida queira se diferenciar da natureza, ao morrer, será parte dela, se integrará a ela. Na lenda, a incorporação ao natural é representada na imagem da borboleta, um ser que passa por transformações profundas, durante a metamorfose, para cumprir o papel de auxiliar na geração de novas vidas como um inseto polinizador. Isto é, para iniciar novos ciclos, trata-se da regeneração como foco principal do livro com o intuito de recuperação do solo e de estímulo ao reflorestamento. A lenda termina com a possível existência de um casulo repleto com sementes.

Parte 2: Os Casulos

Originalmente, o casulo antecede a lenda. Pois antes de criar a lenda, eu estava tricotando um casulo no qual eu pudesse entrar dentro. A ideia era fazer um outro projeto artístico, que não se concretizou, porém, estimulou-me a fazer algumas



experiências.

Para tanto, apropriei-me da proposta das bombas de sementes para elaborar o casulo-semente. As bombas de semente consistem em se fazer bolas de argilas recheadas com sementes para serem lançadas em áreas abandonadas⁹ com a intenção de disseminar sementes possibilitando o reflorestamento e reforçando o importante papel da intervenção humana para recuperação da vegetação.

Assim posto, realizei um experimento com três casulos-sementes. Por meio da utilização das técnicas manuais têxteis fiz, o primeiro casulo, em tricô de cinco agulhas, a técnica de tricô que é comumente utilizada para fazer meias. (Imagem 04). Para este casulo, escolhi o fio de juta, pois a juta é um material orgânico que se decompõe em pouco tempo em contato com a terra, em cerca de seis a nove semanas.



Imagem 04. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe casulo em tricô de cinco agulhas] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola.

Para o segundo casulo criei um tear cilíndrico, improvisado com uma garrafa de plástico. A ideia de tecer fios de algodão de maneira bem próxima aos limites da garrafa possibilitou formar um volume têxtil parecido ao formato de um casulo.



(Imagem 05). Neste caso, eu utilizei os fios de algodão, também fibra natural que se decompõe em contato com a terra, em cerca de três meses já se incorpora ao solo.



Imagem 05. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe casulo em tear] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

E por fim, o terceiro casulo foi tecido por meio da técnica de feltragem molhada. Fiz um volume utilizando a lã da ovelha. (Imagem 06). A lã também material orgânico que pode durar muitos anos se bem armazenado, mas que na terra, com a umidade, se decompõe em seis meses.



Imagem 06. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe casulo em feltragem molhada], 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

No livro “de onde brotam os fios...”, na parte que aborda esses experimentos, da produção dos casulos, é descrito o passo-a-passo de como confeccionar cada um deles. Em cada página há a receita de como fazer-los, como nas revistas de trabalhos em crochê, bordado ou tricô em que explicam como fazer uma toalha, um tapete, etc.

Trabalhar com os fios, tecer, tricotar ou feltrar, imprime a minha ação, produzida pelas minhas mãos, na intenção de reflorestar. O têxtil permeou minha vida desde a infância, aos sete anos aprendi a fazer tricô com minha avó. Enquanto ela costurava, eu ficava ao lado dela fazendo-lhe companhia e conversando. O ruído da máquina de costura me é muito familiar. Ver minha avó horas a fio crochecendo, me trouxe muita proximidade com os fios e as agulhas.

Assim como acontece comigo, escolhas feitas a partir do lugar de afeto, são comuns a muitas outras mulheres.¹⁰ O fazer manual proveniente do âmbito do doméstico - assim como descrito por Freitag (2021) [...] “conecto as experiências vividas na



infância com as do meu presente.” [...] (idem, p. 77) -, carrega memórias e sentimentos. E no formato do casulo, como um receptáculo das sementes, carrega em seu aspecto a herança das manualidades.

Por este motivo, para o experimento, os casulos foram confeccionados com fios, sendo tecidos, tricotados e feltrados. E assim, passaram a ocupar o lugar da arte Têxtil no livro. Ou segundo, Borre (2021):

Gosto de chamar de práticas e narrativas têxteis contemporâneas as inúmeras ações poéticas que utilizam distintas materialidades e/ou concepções têxteis, desde o bordado, o crochê, o tricô, a tapeçaria (...) até a pesquisa de fibras e tramas digitais, praticadas por artistas, artesãs/ãos, estudantes, desejantes e curiosas/os para visibilizar narrativas pessoais e/ou de grupos e comunidades. É quando o têxtil em sua materialidade ou conceituação - ou mirabolâncias - se torna imprescindível aos processos de criação (não somente de artistas). (BORRE, 2021, p. 25-26).

Contudo, faço casulos com fins de experimentos, para testa-los no processo de degradação e decomposição junto ao solo. Para que eles se tornem receptáculos repletos de sementes prontos para serem disseminados por terrenos baldios e áreas a serem reflorestadas.

Embora pareça contraditório fazer um produto tão bem acabado, ou até artesanalmente bem feito, para, ao fim, ser depositado no solo para decompor-se, trata-se da intenção da ação. Trata-se de fazer bem feito para que a semente sintasse bem acondicionada para seguir em seu processo de germinação. Aqui, remetendo à parte anterior acima descrita, é estabelecer uma conversa com as sementes, e enfatizar a ação do fazer.

É dada a ênfase no fazer, porque em um sistema como o que vivemos em que é priorizado e muito valorizado o consumir e o comprar, o fazer torna-se subversivo. Saber fazer, conhecer desde o começo o processo da produção, nos permite assumir responsabilidades do processo. Eu me torno responsável pela semente que coloco no solo. Ainda que, minha ação finde neste ponto. Pois o restante do processo, cabe a semente seguir seu curso natural. Sair de seu estado de latência e lutar para viver e crescer. Neste sentido, meu esforço, meu fazer, é colocado a serviço da semente para que a parte dela seja feita.



Parte 3: As sementes

O processo de coletar sementes me acompanha há anos. (Imagem 07). Cresci vendo meu pai parar o carro na estrada durante as viagens para coletar sementes e mudas para planta-las e estudá-las depois. Tais atitudes fizeram com que o coletar se tornasse parte natural de minha vida. Ao caminhar pelas ruas, aguço meu olhar, observo plantas e analiso seus entornos em busca de galhos, flores, frutos, vagens e sementes. Tento reconhecer as espécies e prestar a atenção na vegetação de maneira a identificar as características marcantes das estações do ano. Procuro identificar os ciclos de brotação, floração, frutificação e dispersão de sementes.



Imagem 07. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe sementes], 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

Dessa vivência fenomenológica, faço do ato de coletar sementes uma prática. Recoelho as sementes que caem sobre os calçamentos com o intuito de disseminá-las na terra. Deste modo, as sementes, para serem inseridas nos casulos-sementes,



são coletadas pelos caminhos por onde percorro. Incluo também sementes comestíveis, como os feijões, ou de alimentos que foram comidos, como sementes de maracujá, laranja e mamão, por exemplo.

As sementes são muito importantes, pois a principal razão deste livro é o papel delas: germinarem, reflorestarem e regenerarem o solo. Para utilizar as sementes, me baseei na proposta das muvucas de sementes¹¹, em que a diversidade de espécies é colocada em alta densidade, de modo que, germinarão em tempos diferentes, ocuparão os níveis sucessivamente e, inclusive, as espécies com tempo de vida mais curto, serão adubo para as mais duradouras.

Assim, a intenção é regenerar o solo utilizando as sementes como parte natural do ambiente, sem necessidade de aditivos químicos, mas aproveitando a própria matéria orgânica das plantas de ciclo curto. É relevante explicitar a intenção da intervenção humana no processo de regeneração, não apenas com o intuito de mitigar os efeitos do Antropoceno, ou como uma medida compensatória de danos ambientais, mas na intenção de construir, desenhar, planejar e manejar florestas.

“Quem planta tâmaras não come tâmaras” (ditado popular, fonte desconhecida).

Esse ditado é maravilhoso por explicitar que é preciso plantar hoje para que se tenha o que comer no futuro. Ele se refere ao fato de que a tamareira demora cerca de 80 anos para dar frutos, ou seja, se hoje podemos comer tâmaras é porque alguém as plantou há pelo menos 80 anos. E se queremos ter florestas no futuro, precisamos plantá-las agora.

O arqueólogo Eduardo Neves (2022) tem demonstrado em suas pesquisas que a floresta Amazônica foi densamente habitada no passado, e que nossos ancestrais faziam um manejo da floresta, por meio das terras pretas. Isso é percebido justamente porque observou-se a formação da vegetação com plantas com usos alimentícios, que foram domesticadas e outras não, ao redor das áreas habitadas.

[...] As pesquisas mostram, como era de se esperar, que as práticas agroecológicas dos povos antigos da Amazônia eram marcadas pela diversificação, com a presença de numerosos cultivares. [...] Surpreendente também nesses estudos é a quantidade de plantas



não domesticadas, principalmente palmeiras e outras espécies de árvores, presentes no repertório desses sítios. (NEVES, 2022, p. 187).

Assim, criar florestas não precisa ser um processo espontâneo e natural pertencente ao imaginário da selva, mas pode ser planejado e criado de acordo com as necessidades humanas, contundo, valendo-se de numa relação de simbiose já estabelecida como o fizeram os povos ancestrais, ou seja, respeitando os ciclos e os ritmos.¹² Mas que podemos fazer a floresta utilizando das muvucas de sementes, afinal, já se trata de uma técnica ancestral.

Levando em consideração esses aspectos, no livro “de onde brotam os fios...”, eu apresento como preparei a mistura das sementes, isto é, a muvuca de sementes com terra e areia, (Imagem 08) e depois inseri todo esse material dentro dos casulos confeccionados manualmente. Com os casulos-sementes prontos, eu separei uma área teste para deixar os casulos sobre a terra.



Imagem 08. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe muvuca de sementes] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

Fiz também uma demarcação de área a qual eu considerei como um experimento-controle. (Imagem 09). Assim, poderia acompanhar e observar a germinação das sementes inseridas nos diferentes casulos e comparar com as depositadas



diretamente sobre a terra, sem o invólucro do casulo.



Imagem 09. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe casulos e experimento-controle] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

Por fim, o livro é finalizado com imagens dos possíveis locais onde seriam depositados os casulos-sementes com o intuito de reflorestar a área. (Imagem 10). Trata-se de um terreno degradado devido ao plantio de eucalipto e à criação de gado. Desde que esse terreno pertence a minha família, estamos tentando regenerar a área. No local, há uma mata formada recentemente, porém, não tem mais o perfil de mata nativa da região, pois compõe-se de árvores de sansão do campo, oriundas da cerca-viva que se disseminou pelo terreno, prevalecendo entre alguns eucaliptos, e poucos exemplares de paus-jacaré e cambarás. Ou seja, pouca diversidade de espécies.

Desde 2020, com a pandemia, dediquei-me com maior ênfase a trabalhar a terra, para melhorar a qualidade do solo e poder plantar mudas nativas, com o intuito de criar uma mata no terreno. Com esse desejo de criar uma mata diversa, os casulos-sementes seriam a estratégia para reflorestamento.



Local 3 para instalação final do casulo
Sousas, Campinas/SP

Imagem 10. “de onde brotam os fios...”, *informação suprimida*, [detalhe local na mata para depositar os casulos-sementes] 24 x 24 cm, livro capa dura, 54 páginas. 2024. Design gráfico: Fabiana Pacola

“de onde brotam os fios...”

Constituído por essas três partes o livro ganhou corporeidade quando o projeto homônimo foi selecionado pelo Edital do Fundo de Investimento à Cultura de Campinas. O projeto consistiu da publicação e divulgação do livro “de onde brotam os fios...”.

Foram produzidos 200 conjuntos do livro “de onde brotam os fios...”, sendo cada conjunto composto por um livro de 54 páginas em capa dura, um casulo confeccionado em crochê, um saquinho de tecido com sementes variadas, um marcador de página, tudo acondicionado em uma caixa gaveta personalizada.



Para a divulgação foi realizada uma *live* de abertura do projeto para convidar as pessoas a participarem dos eventos. Foram realizadas quatro oficinas de Casulo-Semente, em quatro instituições localizadas em áreas diferentes da cidade. Sendo em três delas, realizados os lançamentos, seguidos de exposição. Também como divulgação, houve uma Roda de Conversa na Biblioteca Municipal de Campinas, Biblioteca Zink, na qual a autora convidou quatro artistas da cidade para discutirem sobre o tema Arte e Natureza e produção de livro de artista.

Conjuntos do livro foram doados para os órgãos públicos municipais, para instituições culturais e bibliotecas de universidades públicas pelo país. Assim, o projeto atendeu a demanda da contrapartida social e da contrapartida pelo benefício conforme o Edital FICC, e também expandiu-se com ações para além das planejadas. Pois oficinas e lançamentos estão em fase de planejamento em outras localidades.

O projeto reverberou por meio dos participantes das oficinas, em um caso, a participante replicou a oficina de casulo-semente em uma atividade extra-curricular na Escola Curumim em Campinas. Noutro caso, a participante, uma artista, recriou um outro formato para o casulo-semente com o material que tinha em sua casa, utilizando-se de gaze costurada/bordada e recheada com sementes, dos alimentos que havia comido. Assim, disseminou as sementes com a intenção de regenerar o solo.

Enfim, o projeto, concluído junto aos órgãos municipais, continua ativo para aqueles que vivenciaram a experiência e o desejo de criar florestas.

Os fios que são puxados...

Enquanto livro de artista, como um trabalho artístico, o livro encontra-se nas artes manuais e artes têxteis, e na relação entre arte e natureza. É fruto da mistura dos conhecimentos artísticos, da pesquisa estética, das experiências afetivas da



memória, da vivência do luto, da confiança na vida, dos mistérios dos ritmos e ciclos naturais, da metafísica que permeia a fé, dos experimentos científicos e do forte desejo de plantar tâmaras (ou araucárias).

Seja como for, é um livro que condensa poéticas e narrativas têxteis:

Mais do que técnicas, materiais específicos e modos de execução, as práticas e narrativas em arte têxtil se acercam dos sentidos que produzem, das relações que são capazes de criar e dos conhecimentos que podem gerar por meio das materialidades e/ou concepções têxteis. (BORRE, 2021, p. 28).

E acrescento à fala de Borre (2021), das relações que tecem em outras e fecundas áreas. Assim, a questão ambiental é tecida na crisálida que protege e prepara a muvuca de sementes para desbravar os solos degradados.

Referências

BOCKEMÜHL, Almut. Introdução. In: STEINER, Rudolf. **O Mundo dos Seres Elementares**. Publicado e Comentado por Almut Bockemühl. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2017, s/p.

BORRE, Luciana. Práticas e Narrativas Têxteis Contemporâneas. In: BORRE, Luciana; ANDRADE, LUANA. (Orgs.). **Tramações: a memória e o têxtil**. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, Ed. UFPE, 2021. pp. 25-34.

FREITAG, Vanessa. Afetos Entrelaçados nas Voltinhas do Crochê. In: BORRE, Luciana; ANDRADE, LUANA. (Orgs.). **Tramações: a memória e o têxtil**. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, Ed. UFPE, 2021. pp. 76-79.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIGNOLO, Walter D. **The darker side of western modernity: global futures, decolonial options**. Durham & London/US: Duke University Press. 2011.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: Editora Ubu/Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

STEINER, Rudolf. **O Mundo dos Seres Elementares**. Publicado e Comentado por Almut Bockemühl. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2017.



Notas

¹ Pós-Doutora e Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UNICAMP. Mestre em Ciência da Informação pela ECA/USP. Licenciada e Bacharela em Educação Artística com hab. em Artes Plásticas na UNICAMP. Professora Adjunta de Tridimensionalidade dos Cursos de Artes Visuais, do Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Rio Grande, FURG, Campus Carreiros, Av. Itália, km 8, bairro Carreiros, Rio Grande, RS. E-mail: lucianavalio@furg.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2795-1538>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0440400904087352>. Portfólio: <https://valioluciana.wixsite.com/portfolio>.

² “Quando, porém, dirigimos o olhar ao mundo das plantas com o modo espiritual de ver, este nos leva de imediato a toda uma multiplicidade de seres que eram conhecidos nos velhos tempos da clarividência humana instintiva, mas que, posteriormente, foram esquecidos e permanecem, hoje, apenas como nomes empregados pelos poetas, nomes por trás dos quais a humanidade atual não reconhece nenhuma realidade. Na mesma medida, porém, em que não admitimos que seres que esvoaçam e pairam ao redor das plantas sejam reais, perdemos a capacidade de entender o mundo vegetal - capacidade que ser necessária, por exemplo, para a arte de curar, e que, na verdade, foi totalmente perdida na humanidade atual.” (STEINER, 2017, p. 28).

³ “Ora, já tomamos conhecimento de uma conexão muito significativa entre o mundo das plantas e o mundo da borboleta - mas essa mesma só aparecerá adequadamente diante da nossa alma quando olharmos ainda mais profundamente para dentro de toda a movimentação e agitação do mundo vegetal.” (STEINER, 2017, p. 29).

⁴ Os seres elementares são abordados por Rudolf Steiner na visão cósmica da Antroposofia. Tratam-se de seres em relação a natureza, Bockemühl esclarece na Introdução: “Está completamente certo chamar os seres elementares de ‘seres da relação’, pois eles vivem e atuam nas relações do ser humano com o mundo. Na medida que nos tornamos conscientes dessa relação, ‘libertamos’ seres elementares e, ao configurá-los na ordem correta, desenvolvemos o modo de pensar responsável que foi dado ao homem modernos como tarefa.” (BOCKEMÜHL, 2017, introdução, s/p).

⁵ Ainda em referência à obra de Steiner, remeto aqui à ideia da vida interior, do desenvolvimento da espiritualidade no ser humano.

⁶ Refere-se aqui à criação do conceito de natureza criado por Francis Bacon, no Novo Organum, em 1620, conf. Em MIGNOLO (2011). Walter Mignolo (2011) descreve uma cisão na ideia entre humanidade e natureza. Segundo Mignolo (2011), em seu tratado Francis Bacon (em 1620) propõe essa diferenciação, o que na época possibilitou justificar a exploração da natureza, assim como, a escravização dos povos africanos. Em seu livro “The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options” (2011), o autor aborda como os interesses dos colonizadores foram avaliados principalmente pelos jesuítas, do conceito que separa a natureza do ser humano. Tal intuito tornou-se a justificativa para a exploração da natureza, por meio do extrativismo vegetal e do cultivo das monoculturas.

⁷ Ailton Krenak comenta sobre o distanciamento entre nós e a natureza, nas palavras dele: Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.”. (KRENAK, 2020, p. 16-17).

⁸ Menção aos estudos arqueológicos de Eduardo Góes Neves (2022) sobre os povos da Amazônia, principalmente no que tange a terra preta, nas palavras do autor: “Um dos temas que mais têm atraído a atenção de arqueólogas e arqueólogos, e de cientistas de outras áreas, é o estudo da chamada terra preta. A presença desse tipo de solo antrópico traz uma forte evidência de que as populações antigas da Amazônia modificaram as condições naturais dos locais onde viviam, invalidando, portanto, os princípios do determinismo ambiental. Nessa perspectiva, terras pretas teriam sido criadas deliberadamente com o objetivo de aprimorar a qualidade dos solos em geral pobres da Amazônia.[...] Essas evidências mostram que as terras pretas não foram necessariamente uma solução para um problema adaptativo dos povos amazônicos antigos, mas simplesmente o correlato arqueológico do estabelecimento da vida



sedentária pela região, já que a formação desses solos se intensificou há 2 mil anos, época a partir da qual são mais visíveis modificações paisagísticas como a construção de canais, valas, aterros e também o surgimento de grandes aldeias ou mesmo cidades. (NEVES, 2022, p. 186-187).

[...] “se fizermos uma história comparativa dos povos ameríndios, verificaremos que algumas das plantas mais importantes domesticadas no Novo Mundo o foram na Amazônia ou em suas adjacências nas terras baixas. O mesmo vale para a cerâmica, como já vimos. Solos de terra preta indicam a capacidade de modificação da paisagem, e a presença de sítios de grande porte interligados por redes de estradas mostram que houve períodos de adensamento demográfico com algum tipo de hierarquia. A arqueologia nos revela hoje que nada era impeditivo na Amazônia.” (Idem, p. 188-189).

E por fim, essa hipótese que Neves (2022) fecha sua conclusão, puxando outros possíveis fios para a pesquisa arqueológica, é muito interessante, no pensamento da abundância:

[...] “Talvez esteja na hora de virar o quadro de cabeça para baixo e trabalhar com a premissa de que a abundância, e não a escassez, é o ponto de partida para uma reflexão sobre a história antiga da Amazônia. Nesse quadro, não faz mesmo o menor sentido pensar em acumulação, obrigação ou compulsoriedade, principalmente no longo prazo”. (Idem, p. 189).

Justamente, o pensamento inverso da lógica capitalista colonizadora.

⁹ As bombas de sementes são comumente utilizadas para reflorestar áreas onde se quer regenerar o solo, após incêndio e/ou demais desmatamentos. Conforme as reportagens a seguir:

Cf. “Incêndios em Piracaia: moradores lançam ‘bombas ecológicas’ para reflorestar”, Rede Brasil Atual, reportagem de 17 de Out de 2020. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/piracaia-bombas-ecologicas-reflorestamento-incendios/>. Acesso em 05/mai/2024.

Cf. “Moradores lançam “bombas de sementes” para recuperar vegetação nativa da Caatinga em Pernambuco”, Reportagem Jornal Hoje na GloboPlay, de 18 de Set. de 2023. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/11956006/>. Acesso em 05/mai/2024.

¹⁰ Os trabalhos manuais foram atribuídos aos trabalhos domésticos do âmbito feminino, e portanto tratados como práticas menos valorizadas. Por este motivo, me refiro às outras mulheres. Cf. SIMIONI, Ana Paula C. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 45, 2007, 87-106. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i45p87-106>. Acesso em 10/mai/2024.

¹¹ Cf. Guia da Muvuca. Disponível em <https://us14.campaign-archive.com/?u=2e9f3527128e6ed6d086fc5b4&id=64400ed51b>. Acesso em 09/mai/2024.

¹² Em “Futuro Ancestral”, Ailton Krenak aborda as questões da vida em contato com a natureza, enfatizando a educação das crianças para a vivência no coletivo, nas relações com sentimentos. Cf. KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.